

A encruzilhada do Engenho das Pedras

*Aderbal Sampaio**

Maria dos Anjos viera de longe, de muito longe, dos fundos sertões bravios do Nordeste. Há vários anos, contínuas e prolongadas estiagens causticaram impiedosamente a crosta ressequida da caatinga, deixando à sua passagem os clamores angustiantes de profundas desolações. As árvores e os arbustos esfolharam-se pouco a pouco. Um a um, secaram-se todos os arroios. A terra, insaciável, bebera as últimas gotas de água das fontes outrora exúberes. A criação inteira estertorara-se nas agruras mortíferas da sede e da fome. Só os corvos, crocitando, esvoaçavam acima das carniçarias.

O êxodo, na derradeira leva retirante, forçara a família de Maria dos Anjos a procurar as regiões pródigas do litoral, onde as chuvas do inverno reverdeciam anualmente o solo ubérrimo. E Maria dos Anjos deixara lá longe, na poeira combusta dos sertões, toda a sua ilusão inocente de criança. E chegara às terras do Engenho das Pedras.

Aí crescera, como crescem todas as coisas bonitas da natureza, sob o carinho orgulhoso de seus pais e as lisonjas dos que a conheceram de perto. A fartura de tudo e a riqueza climática dessa zona operaram uma transformação brusca na sertanejinha expatriada. Todo aquele corpinho esquelético e bisonho que trouxera do seu torrão natal em pouco tempo se tornara uma forma robusta e saudável.

Já adolescente, Maria dos Anjos era uma infinita expressão de graça, dentro, no encanto verde do Engenho das Pedras. Pelos arredores, não se sabia um riso mais

(1898–1977) Músico, jornalista e poeta alagoano, contribuiu com diversos artigos e crônicas para a Revista Universal (de São Paulo) e para o Jornal de Amparo nos anos 50 e 60. Deixou também algumas composições musicais e outros escritos não publicados, dentre os quais este conto que, segundo ele, era uma história verdadeira que costumava ouvir em sua infância.

caricioso e comunicativo, um olhar tão impressionante de ternura e sedução, uma outra voz que realizasse esse complexo de suavidade emocional da sua voz. Os cabelos, ligeiramente ondulados, desciam-lhe fartos ao longo das espáduas eretas e roliças. E tinham esse colorido meio queimado de folhas caídas pelos caminhos abrasados de sol. Realçava-lhe ainda os contornos impecáveis da plástica a protuberância cônica dos seios entumescidos na leveza da chita quase sempre cor de rosa.

Ao vê-la passar, assim faceira e tagarela, tudo parecia quedar-se, como que extasiado numa abstração estética. Porque Maria dos Anjos trazia em todo o esplendor da sua compleição feminina um segredo de invulgar e deslumbradora fascinação.

Essa notícia correrá léguas e mais léguas. E todos os domingos o Engenho das Pedras se enchia de um mundo curioso e embevecido de caboclos. Maria dos Anjos, involuntariamente, se fizera a atração principal dessa gente. Não só os homens, mas também as mulheres, avolumavam essa afluência domingueira. E quantos mexericos urdidos à sombra de despeitos e invejas, que, mais das vezes, se generalizavam em pequeninas malquerenças e ódios inveterados!... Maria dos Anjos, entretanto, refreava seus ímpetos de revolta e de represália, quando surpreendia essas tramas furtivas de cochichos maldizentes, disfarçando-os na atenção mais acentuada aos galanteios discretos de algum sorriso ou de um olhar amorosamente lânguido dos jovens de seu tempo. O indiferentismo era sua arma predileta e mais poderosa contra essas críticas caseiras.

Todos os sábados, no Engenho das Pedras, atendendo a um velho tradicionalismo, os seus moradores se reuniam em determinados terreiros para suas habituais funções. Nesse encontro, uma aglomeração humana, quase uniforme, revolvía-se em movimentos desarticulados e rudos à cadência ritmada dos ganzás, dos sapateios, das umbigadas, das palmas e das emboladas. Intervagando o desafio dos cantadores, o coro enchia de vozes a frescura da noite em todo o céu do Engenho das Pedras. E se perdia, nostálgica e dolentemente, pelas quebradas das colinas, nos aceiros da mata imensa e verde. Era o coco, a dança típica das palhoças nordestinas, vibrando intensamente a alegria folgazona de sua mocidade cabocla.

Essas reuniões eram anunciadas por Miguel Pedro em seu barracão, onde vendia bebidas, cigarros, fumo e guloseimas. Daí, ele indicava o local em que deveria se realizar o coco do dia. Neste sábado, Miguel Pedro, muito cedo, abrira as portas do seu estabelecimento. O primeiro freguês fora um estranho, Antônio Lourenço, caboclo jovem e muito cortês, vindo de algum engenho distante. Miguel Pedro, percebendo que o seu visitante trazia bastante dinheiro, mandou, secretamente, avisar aos seus clientes esse aparecimento. Em pouco tempo, surgiram os viciados

e os curiosos. O caboclo apreciava um traguinho da cachaça. Não faz mal a ninguém. Antônio Lourenço era o ponto visado. Miguel Pedro se desfazia em gentilezas e elogios, procurando ambientá-lo condignamente com uma apresentação ao estilo da casa. Tinha que aproveitar essa vazão da sorte. Nunca o seu barracão estivera tão à cunha.

Sinhá Chiquinha, numa atividade anômala, por detrás do balcão, servia a preciosa bebida à ordem de Miguel Pedro. Precisava ajudar o marido. Antônio Lourenço pagava tudo. Era o homem do dia. Conquistara inúmeras amigadas.

Miguel Pedro então falou-lhe do coco de Manoel Luiz, ali ao lado:

— Ogi de noite, seu Tonho Lorenço... Um coco de rachá... Vem gente de todo lugá...

E Antônio Lourenço esquecera as compras e encomendas que se incumbira de fazer na feira da povoação. E, à noite, Miguel Pedro apresentava com honras Antônio Lourenço a Manoel Luiz.

Iniciara-se, então, o coco. Antônio Lourenço começara a se exhibir como um exímio dançarino, atraindo todas as atenções femininas, inclusive a de Maria dos Anjos.

Ao meio da noite, João José saíra do terreiro. Algo de anormal perturbava-lhe os sentidos. Antônio Lourenço cortejava insistentemente Maria dos Anjos. E Maria dos Anjos correspondia-lhe. Antes, João José convidara Antônio Lourenço para um bate-papo fora da função.

— Tonho Lorenço, eu gosto de Maria dos Anjo... E home nenhum há de pissuí Maria dos Anjo...

— Maria dos Anjo resorve, Jão Jusé... — respondeu-lhe Antônio Lourenço.

— Não. Vamo resorvê nós dois, aqui mêmo... E pusera a mão direita à cintura, por baixo da camisa de algodãozinho.

Antônio Lourenço, nunca, em toda a sua vida, levava para casa o pesadelo de um insulto, nem a sua honra de caboclo valente manchava-se de covardia. E imitou o gesto de João José.

— Jão Jusé, vancê vai morrê — replicou Antônio Lourenço.

João José, trincando os dentes de cólera e de ciúme, a mão firme e resoluta no cabo do punhal, retrucou:

— Tonho Lorenço, no cercado do Engenho das Pedras manda Jão Jusé.

Duas lâminas reluziram rápidas à luz pálida do crescente, num ímpeto assassino, numa sanha de extermínio. Indômitos e ágeis, os contendores buscaram-se vigilantes e furiosos, em arremetidas decisivas e recuos desordenados. Da terra seca, em torvelinhos, subiram densas nuvens de pó, nos choques bruscos das rasteiras e dos saltos destros e falsos. João José, mais moço e mais presto. Antônio Lourenço, mais cauteloso e mais forte. Ambos, no ardor sanguíneo da disputa.

Aos quinze minutos da luta, a ponta aguçada do punhal de João José resvalara

o lombo esquerdo de Antônio Lourenço, ao se desviar de um golpe certo e fatal do adversário. Manchas rubras de sangue, aqui e acolá, começaram a tingir o chão batido. As investidas recrudesceram-se mais ininterruptamente. O aço das duas armas, retesadas de fúria, tilintava áspera e faticamente. A duzentos passos, no terreiro de Manoel Luiz, o coco animado e cadencioso sacudia o ar fresco e sombrio do cercado do Engenho das Pedras. Um gemido surdo quebrara a mudez humana daquele pugilato tremendo. João José tivera um olho vasado quando tentava ferir de morte o antagonista. Fora, entanto, infeliz, pois Antônio Lourenço, negaciando o corpo com destreza, aproveitara esse ensejo para lhe golpear a vista. Apesar, João José se parecera mais enfurecido. Investira destemerosamente. E, num ímpeto de animal ferido, rasgara sem piedade o ventre do rival. Houve um corpo a corpo decisivo, em que as lâminas dos punhais, tintas de sangue, embeberam-se vezes seguidas numa brutalidade estúpida de aniquilamento. Da casa de Manoel Luiz escutou-se um grito soturno e terrível. O punhal de João José enterrara-se todo em pleno coração de Antônio Lourenço. E ambos rolaram no chão coalhado de sangue. Antônio Lourenço, inerte e sem vida. João José, exausto e cego dos olhos.

Uma lamentação geral empolgara todos ante aquele cenário macabro. Maria dos Anjos chorou. Ninguém sabe se a morte de Antônio Lourenço, ou se a cegueira de João José. Entretanto, solícita e boa, tratara delicadamente as suas feridas. Não obstante o corpo retalhado e os olhos cegos, João José era feliz. Porque Maria dos Anjos, num desvelo extremo, ali perto, acudia-lhe aos seus mais pequeninos chamados, adivinhava-lhe os seus menores gestos e resignava-lhe os seus maiores sofrimentos.

Passaram-se meses. As primeiras chuvas do inverno vinham molhando o solo lascado pela adustão canicular do verão. O Rio das Pedras transbordara de águas barrentas. Galhos partidos, árvores e arbustos arrancados desciam à flor das águas, levados pela impetuosidade da corrente. Lá em cima, a cachoeira ensurdecia em convulsões sanhudas. A mata, aos poucos, reverdescera. E todo o Engenho das Pedras era um mundo pletórico de verdura.

Maria dos Anjos espaçara as suas visitas à palhoça de João José. A cheia alagara os baixios do cercado. E as estradas, enlameaçadas e escorregadias, metiam medo à sua frivolidade faceira e dengosa. Mesmo, João José sarara as suas feridas. Sinhá Ana se encarregaria de zelar pelo filho.

João José não mais suportaria esse tremendo vazio e a ausência de Maria dos Anjos já entediava a sua palhoça. Um entendimento feliz entre ambos se fazia preciso a fim de solucionar essa aflitiva situação. E no próximo sábado, pela madrugada de domingo, apoiado em sua bengalinha, João José tasteava a estrada que o levaria ao terreiro de Manoel Luiz. Ao meio do caminho alguém lhe falou:

— Jão Jusé?... A essa ora p'ru esses lado?...

João José reconhecera, no seu interlocutor, a voz confidente e amiga de Felinto, o companheiro sempre leal de toda a sua infância e de toda a sua mocidade. Ocorrera-lhe à memória as suas traquinadas malfazejas de meninos de Engenho. A pontaria certa dos seus bодоques nas caçadas impiedosas às avezinhas incautas. As escaladas traiçoeiras pelos barrancos escarpados. Juntos se embrenharam, vezes sem conta, mato a dentro, rastejando mundéus, buracos de tatus e caças transviadas. Os canaviais sofreram também as extravagâncias das suas peraltices. E a cachoeira... As águas vinham lá das bandas do Roncador, saltando as pedras num turbilhonamento convulso, para em seguida se precipitarem no despenhadeiro do lageado grande em uma queda desenfreada e tumultuosa. Aí, quantas vezes o Destino amparara-lhes a imprudência desassombrada e inconsciente de crianças! Depois, mais em baixo, já no cercado do Engenho, onde o curso da corrente se acalmava, um banho demorado. Inúmeras vezes, os seus braços, numa agilidade e destemor espantosos, cortaram as águas do Rio das Pedras numa travessia de duzentos metros, demais para os seus pequeninos esforços infantis. E as rixas do Senhor e da Senhora de Engenho!?... Felinto era sempre o seu comparsa inseparável, compartilhando as mesmas diabruras, as mesmas alegrias, as mesmas decepções e os mesmos perigos. Moços, a mesma camaradagem. Nunca perderam as festinhas caboclas das circunvizinhanças. Tudo isso João José recordara numa grande saudade. Saudade do seu passado feliz. Ora, no abandono da sua cegueira, era apenas um desgraçado dentro do seu pequenino mundo sem luz. Entanto, isso pouco importaria se Maria dos Anjos estivesse ali, ao seu lado, afetuosa e boa. Os seus carinhos haveriam de trazer consolo a sua desdita. Não seria tão só. Tão só no seu desterro.

— Vamo p'ra casa, Jão Jusé. O chão tá moiado de nibrina... — insistira pacientemente Felinto.

Mas João José trazia, torturando-lhe as incertezas emotivas do coração, terríveis pressentimentos. E indagara:

— Filinto, Maria dos Anjo tá na função de Mané Luiz?...

Felinto escutara-o compadecido. Estivera toda a noite em casa de Manoel Luiz. Maria dos Anjos era a mesma criatura de sempre, diabólica e leviana. O mesmo riso encantador que ainda sabia seduzir e prender. Aqueles dois olhos negros que tanta infelicidade espalharam por toda a redondeza. Maria dos Anjos estivera lá, na glória das disputas caboclas, soberba e radiante, cônica da sua beleza e da sua primazia. Assistira a tudo aquilo. E emudecera ante a infelicidade do companheiro estremecido. Não lhe quisera confessar toda a verdade. Apenas lhe dissera ante a sua insistência aflitiva:

— Esqueça Maria dos Anjo, Jão Jusé... Maria dos Anjo é bonita... E vancê não vê Maria dos Anjo...

João José compreendia tudo. Maria dos Anjos teria ido à função de Manoel Luiz. Outros caboclos disputaram-lhe o fascínio das formas e da beleza. Maria dos Anjos atendera a todos. E esquecera João José. João José, o matador de Antônio Lourenço. João José, o cego do Engenho das Pedras. E deixou pender sobre o ombro de Felinto a sua cabeça pesada de tristeza, humilhada e maldita. E chorou... Chorou um choro muito longo de angústia e desespero dentro da eterna noite negra dos seus olhos vazados.

Felinto ainda o aconselhara. Resignara-se por fim. E, amparado pelo braço amigo de Felinto, voltara para a solidão deserta e lúgubre da sua palhoça.

No dia seguinte, João José passara toda a manhã a afiar cuidadosamente o mesmo punhal com que atravessara o coração de Antônio Lourenço. Desde aquela noite terrível, nunca mais a pedra de amolar sentira o aço polido dessa arma. A ferrugem atacara toda a lâmina. Com muito esforço e paciência, conseguira eliminá-la. Depois, intencionalmente, colocara-a à cintura, encoberta pela camisa de algodãozinho. Esperara o dia todo. Sabia que Maria dos Anjos, de vez em quando, costumava visitá-lo. Na tarde do décimo dia ouviu a sua voz.

— Boas tarde, João José. Como vais vancê?

— Sempre só, Maria dos Anjo. Vancê esqueceu João José...

— Não esqueci não, João José, tô aqui... É que as chuva num ajudaro.

Conversaram bastante, discutiram até. Depois João José convidou-a para um passeio pelo cercado. Foram mais além. Chegaram à encruzilhada. Ali, descansaram. Renovaram-se as discussões a tal ponto que um desentendimento sério se originou. Maria dos Anjos ofendera nervosamente João José e tentou fugir de sua companhia. João José, alucinado, correu em sua perseguição, cravando-lhe o punhal desordenadamente e sem piedade. Certo de sua morte, debruçou-se em cruz sobre o seu corpo realizando o mesmo gesto fatídico em seu próprio coração.

Hoje, os viajeiros que descem cantarolando pela Estrada Real do antigo Engenho das Pedras, um quilômetro depois da velha cancela do cercado, emudecem-se timidamente às cercanias da encruzilhada. Duas cruces entrelaçam-se ao pé da mata erma e sombria, simbolizando numa apoteose fúnebre a bárbara tragédia de um grande romance caboclo.

